

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2020

o

NÚMERO 6

MEDIAÇÃO: DESFAZENDO LAÇOS COM MENOS CONFLITOS



O

EDITORIAL

É certo que é fevereiro. Mas tem muitas coisas acontecendo junto com a folia. Somos um povo com gostos muitos diferentes e tem espaço pra todo mundo: pra quem gosta de carnaval, pra quem não gosta e pra quem não está nem aí.

Tem Caetano, tem Mangueira, tem Rio Open, tem tango, Carmina Burana, Fernando Pessoa... E a Oxiênio, com o talento de Antonella Kann, visitou a maior ilha fluviomarinha do planeta: a Ilha de Marajó – *“do Pará à Ilha de Marajó e a velha cabana do Timbó”*.

Em tempos já por si tão bicudos, vale a pena brigar? A matéria de capa aponta caminhos serenos para conflitos aparentemente sem solução. Mediar é preciso!

E os figurinos do Carnaval? Se a fantasia é bonita e suntuosa, realça ainda mais a presença de quem a veste. Nas palavras do poeta Vinícius de Moraes, beleza é fundamental. E você vai ficar sabendo como surgiram os disfarces/fantasia da nossa maior festa.

A revista traz ainda a miscelânea criativa de referências visuais do jovem artista Maxwell Alexandre. A série – desdobramento de uma pesquisa intensa sobre raça e colorismo – está na exposição “Pardo é papel”, no Museu de Arte do Rio (MAR) até março. No mesmo local a mostra “Rua!” exhibe a autoestima, o empoderamento e inclusão. Saia correndo pra ver.

Mas não fica por aí. A sexta edição da Oxiênio vai soprando ar de notícias boas pra quem quer, precisa e suplica por ele. Divirtam-se!

Foto de capa: Designed by rawpixel.com / Freepik

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742

Editoras: Ana Ligia Petrone | Maurette Brandt

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboração de Antonella Kann

Vai rolar em fevereiro

04 Sétima edição do Rio Open chega dia 15 | Show de verão da verde e rosa, RJ
Em Brasília fevereiro não é só samba: tem tango também! | Carmina Burana – Célebre
cantata profana de Carl Orff no Teatro Bradesco SP | Caetaneando com Sacerdote,
em Salvaor | No Museu Oscar Niemeyer Curitiba seu olhar vale 100 ingressos
e uma exposição | Oficinas infantis gratuitas no MASP | Em Porto Alegre,
Tânia Farias e Lucas Fiorindo visitam Fernando Pessoa

09 Mediação: Sucesso no cinema e na vida real

15 O Rio de ontem, de hoje e do futuro

19 Carnaval, fantasia e história

22 *Na Rua!, Pardo é Papel*

26 Ilha de Marajó: onde o tempo não tem pressa

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.



O troféu do Rio Open, concebido pelo designer de joias Antonio Bernardo

Foto: Divulgação

SÉTIMA EDIÇÃO DO RIO OPEN CHEGA DIA 15

O maior torneio de tênis da América do Sul e único da ATP no Brasil acontece de 15 e 23 no Jockey Club Brasileiro.

Grandes nomes do tênis mundial já estão confirmados. Jogadores como o austríaco Dominic Thiem, atual número 5 do mundo, o italiano Matteo Berrettini, 8º colocado, o argentino Diego Schwartzman, 14º colocado, o croata Borna Coric, grande nome da geração da ATP, e o brasileiro Felipe Meligeni, vencedor da Maria Esther Bueno Cup.

De segunda a quinta, serão duas sessões: Sessão 1 com início às 16h30, e Sessão Noite, às 19h. Já de sexta-feira a domingo, o torneio terá sessão única. A estrutura do Rio Open 2020 conta com nove quadras de saibro, sendo uma delas o estádio central – Quadra Guga Kuerten – com capacidade para 6.200 pessoas. Além dos jogos, há uma área interativa, o Leblon Boulevard, com atrações para o público, stands, lojas e Praça de Alimentação.

Mais informações em <https://rioopen.com/>

SHOW DE VERÃO DA VERDE E ROSA, RJ

*Chico Buarque, Leci Brandão,
Maria Bethânia, Péricles e Pretinho
da Serrinha no show de verão
da Mangueira*

A Estação Primeira de Mangueira abre alas para a folia: nos dias 11 e 12, no Vivo Rio, o evento chega a sua 17ª edição. Este ano conta com a participação especial da bateria *Tem que respeitar meu tamborim*, que encerra a noite, com sambas-enredo clássicos da escola.

Com direção de Túlio Feliciano, produção geral de Vinícius França e arranjos de Pretinho da Serrinha, o espetáculo traz números solos e alguns duetos, especialmente criados para a ocasião. O roteiro final ainda está sendo costurado, mas a inspiração é sempre o enredo da verde e rosa, que este ano tenta o bicampeonato com *A verdade vos fará livre*, mais uma vez com a assinatura do carnavalesco Leandro Vieira.

O show de verão da Mangueira foi criado para o carnaval de 1998, ano em que Chico Buarque foi enredo da escola, levando a verde e rosa a mais um

campeonato. Maria Bethânia, outra mangueirense apaixonada, também já foi homenageada com o tema *Maria Bethânia: a menina dos olhos de Oyá*, na estreia de Leandro Vieira na escola, sagrando-se campeão no carnaval de 2016.

A apresentação conta ainda a participação de outros segmentos da escola, incluindo o casal de mestre-sala e porta-bandeira, Matheus Olivério e Squel Jorgea, respectivamente filho e neta do lendário Xangô da Mangueira.

Mais informações em <http://vivorio.com.br/eventos/show-de-verao-da-mangueira-no-vivo-rio/>



Foto: Divulgação

EM BRASÍLIA FEVEREIRO NÃO É SÓ SAMBA: TEM TANGO TAMBÉM!



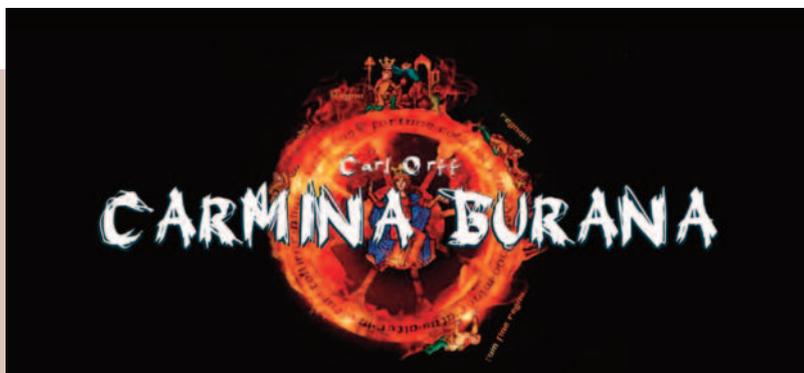
Clarissa&Jonathan, Andre&Alice, Andre&Andressa, Anna&Sávio
Fotos: Divulgação

Nos dias 7, 8 e 9 Brasília será a capital do tango. No Espaço Brasília, na Asa Sul, um grande encontro entre profissionais argentinos e brasileiros vai proporcionar aos amantes dessa arte um fim de semana de muito conhecimento e entretenimento.

O Tango em Brasília ainda está em ascensão, mas já possui uma comunidade tanguera muito promissora e fiel. Ao menos uma vez por mês profissionais e aficionados do estilo promovem um baile de tango, denominado *Milonga*, cujo objetivo é praticar a dança, socializar e confraternizar com os demais adeptos.

O *1º Brasília Tango Festival* busca resgatar o tango aos salões, à sua maneira genuína de bailar. Durante três dias apaixonados pelo ritmo, iniciantes e profissionais, compartilharão conhecimento com mestres de renome internacional. Serão 10 aulas, 15 horas de baile e apresentações de artistas convidados.

Mais informações em: <http://brasiliatangofestival.com.br>



CÉLEBRE CANTATA PROFANA DE CARL ORFF NO TEATRO BRADESCO SP

A Orquestra Acadêmica de São Paulo e o Coral da Cidade de São Paulo, sob regência de Luciano Camargo, apresentam, nos dias 26, 27, 28 e 29 de fevereiro e 1º de março, no Teatro Bradesco São Paulo, a cantata Carmina Burana de Carl Orff. Os solistas são Sebastião Teixeira (barítono), Jéssica Leão (soprano) e Jabez Lima (tenor). Na abertura do concerto será apresentado ainda o 1º ato da ópera “Édipo Rei”, de autoria do regente Luciano Camargo (em forma de concerto).

CAETANEANDO COM SACERDOTE

Caetano Veloso lança, com o jovem e talentoso clarinetista baiano Ivan Sacerdote, novo álbum com nove releituras da sua obra. O show de lançamento será no dia 8 no Teatro Castro Alves, em Salvador.

Caetano elogiou o parceiro de álbum: *“O clarinete de Ivan Sacerdote banha todos os encontros musicais espontâneos que a gente vive em Salvador com doçura e sabedoria. Sua suavidade sonora e sua precisão musical surpreendem e apaixonam ouvintes desavisados. Trazido para perto pelo exuberante Magari Lord (um talento baiano que é fenômeno de animação de plateias e festas, aproximando o carnaval de Salvador do semba angolano), Ivan revela-se a cada toque, a cada contraponto, a cada intervenção, um Sacerdote da elegância na música”*.



NO MUSEU OSCAR NIEMEYER CURITIBA SEU OLHAR VALE 100 INGRESSOS E UMA EXPOSIÇÃO

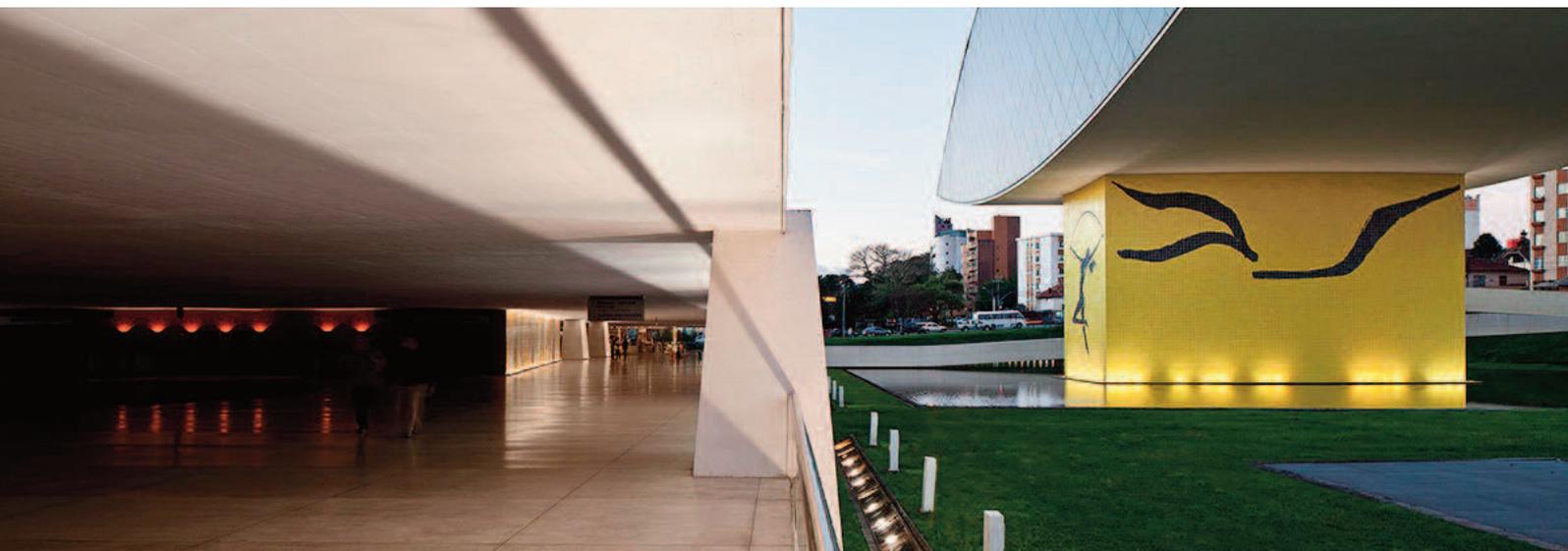


Foto: Leonardo Finotti / Divulgação

O Museu Oscar Niemeyer de Curitiba, em comemoração ao seu 17º aniversário, lançou um desafio: *“faça uma foto criativa e inusitada, com a sua visão do museu, e poste no Instagram marcando @museu-oscarniemeyer e com a #MEUMON.”*

O objetivo é aproveitar o período de férias e o maior fluxo de turistas em Curitiba para envolver o público que frequenta o espaço. A campanha, que vai até 1º de março, vai distribuir 1.700 ingressos — 100 para cada um dos 17 vencedores, que podem ser distribuídos livremente para amigos e familiares durante o ano de 2020. Além disso terão a fotografia exposta em uma galeria virtual do espaço.

O MON, maior museu da América Latina, tem 17 mil m² para exposições e um acervo de aproximadamente 7 mil peças. Ao todo, são mais de 35 mil m² de área construída. A instituição abriga obras das mais variadas formas de arte, entre elas, artes visuais, design e arquitetura.

#MEUMON

Mais informações em
<https://museuoscarniemeyer.org.br/mon/meumon/>

OFICINAS INFANTIS GRATUITAS NO MASP – MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO

A partir do dia 1º, a garotada poderá contar com atividades gratuitas no MASP. As oficinas fazem parte da programação de "Histórias das mulheres, histórias feministas", eixo temático que guiou as exposições, palestras, cursos e publicações do Museu em 2019.

Os encontros contarão com a presença das artistas Santarosa Barreto, Aline Motta e Virginia de Medeiros – as três tiveram obras presentes na mostra "Histórias feministas: artistas depois de 2000", que ocorreu no ano passado. As atividades são indicadas para crianças de 8 a 12 anos sempre aos sábados e domingos, das 14h às 17h. As inscrições devem ser feitas pelo próprio site do museu. Os participantes e responsáveis poderão visitar gratuitamente as galerias da instituição.

Os temas das oficinas são instigantes: *Eu, você, todos nós* com a artista Santarosa Barreto; *Desenhando a minha avó*, com Aline Motta, e *Do contra*, com Virgínia de Medeiros.

Mais informações em <https://masp.org.br/oficinas#workshops>



Foto: MASP / Divulgação



EM PORTO ALEGRE TÂNIA FARIAS E LUCAS FIORINDO VISITAM FERNANDO PESSOA

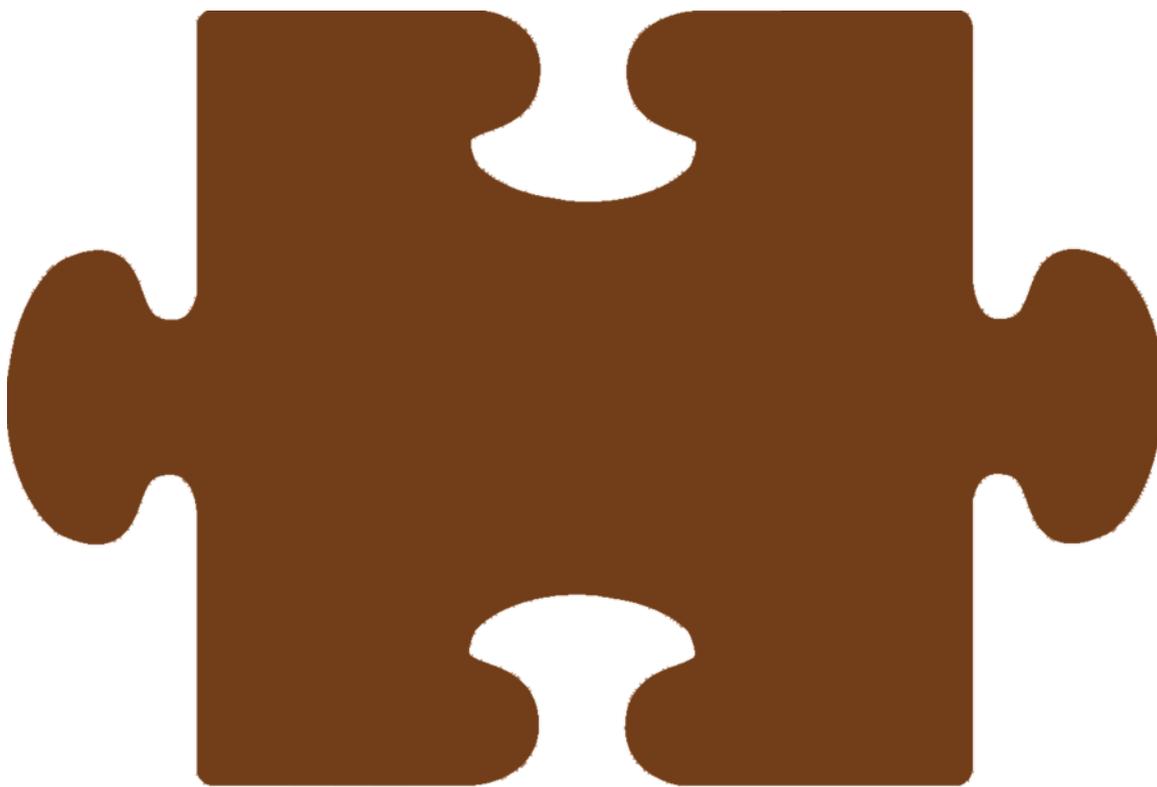
Ficções do Interlúdio é o primeiro trabalho da parceria artística entre Tânia Farias (Porto Alegre/RS) e Lucas Fiorindo (Maringá/PR).

Nos dias 14 e 15, a dupla apresenta um solo teatral inspirado no livro *Ficções do Interlúdio*, de Fernando Pessoa, obra em que o poeta português apresenta seus principais autores fictícios, os “heterônimos”.

Essa proposta traz à tona o poeta dramático que há em Pessoa, soterrado pela lírica múltipla de sua obra. Assim, ao longo do espetáculo, o público verá cenas inspiradas em Teatro Físico, Commedia Dell'arte, Teatro de Bonecos, Naturalismo, Teatro Ritual e Butoh.

Mais informações em <http://www.centromeme.com.br/arquivo/portfolio/agenda-cultural>

MEDIAÇÃO: SUCESSO NO CINEMA E NA VIDA REAL





Designed by mindandi / Freepik

Imagens coladas em estilo Super-8, bem naturais, mostram cenas domésticas que ilustram dois textos: o primeiro escrito por Nicole, a esposa, sobre o marido Charlie; e o segundo escrito por Charlie, o marido, sobre a esposa Nicole. Textos que, à primeira vista, parecem declarações de amor, foram escritos para serem lidos por seus autores numa sessão de mediação que acaba não acontecendo: o casal está prestes a se separar.

Estas são as cenas iniciais de *História de um Casamento*, filme de 2019 dirigido por Noah Baumbach que arrebatou, até agora, 14 prêmios de importantes insti-

tuições da indústria cinematográfica: melhor direção, melhor atriz coadjuvante, melhor atriz, melhor ator e por aí vai.

Um sucesso retumbante que chama a atenção para algo que vai além da arte e da trama: conversar é preciso. E a mediação está literalmente em cena para ajudar.

NOVAS PRÁTICAS APOIAM A JUSTIÇA

Dezesseis estados brasileiros e o Distrito Federal já vêm adotando, há tempos, práticas como a mediação, a conciliação, a constelação familiar e várias outras, para

ajudar a solucionar impasses de toda sorte sem que seja preciso instaurar processos longos, penosos e muitas vezes dolorosos. A própria Justiça entende que o diálogo é a forma mais produtiva e eficiente de solucionar conflitos. Com este propósito, o Código Civil Brasileiro passou a prever que a mediação seja oferecida às partes na fase inicial de todo processo judicial.

Mas afinal, o que é *mediação*? É um procedimento voluntário para solução de conflitos em que as partes se encontram na presença de um mediador e podem chegar a acordo. Por meio da mediação, as partes podem expor seu pensamento e são estimuladas a solucionar questões importantes de um modo cooperativo e construtivo. A mediação cria a possibilidade de transformar a cultura do conflito numa cultura de diálogo.

– A mediação vem sendo usada nos últimos 30 anos – diz Suzana Falcão, psicóloga com formação em psicanálise, que exerce há mais de cinco anos a função de mediadora. – É uma prática mais consolidada nos Estados Unidos, mas que vem crescendo no Brasil e vem sendo estimulada de forma consistente pelos Tribunais de Justiça – explica. – Antes da mediação, as coisas eram resolvidas na base do “um ganha, outro perde”; com a mediação, as duas partes são atendidas e as soluções são mais sustentáveis, do tipo “ganha-ganha” – diz.

– Na mediação há a figura de um terceiro neutro – o mediador – que vai trabalhar, através da escuta e do

diálogo, para que cada uma das partes possa perceber o que a outra necessita. Com isso podem construir, de modo colaborativo, alternativas que levem a uma solução de benefício mútuo – explica Suzana. – As partes é que se encarregam da proposta do consenso, que é customizada de acordo com a necessidade de cada um.

– Uma das vantagens da mediação é permitir que as pessoas possam conversar, desabafar, dizer o que sentem – diz a advogada Maria Nilta Ricken Tenfen, de Tubarão/SC. Para ela, a mediação provoca uma contemporização. – É dar oportunidade para as pessoas conversarem, estabelecerem um diálogo. Em muitos casos, elas nunca param para discutir. Isso tem funcionado bem em brigas entre vizinhos, contratos e muitas outras situações.

CONSTELAÇÃO FAMILIAR



Em sua prática diária, Maria Nilta tem testemunhado o sucesso de diferentes ferramentas que buscam facilitar o diálogo. Uma delas é a constelação familiar sistêmica, técnica psicoterápica desenvolvida pelo médico alemão Bert Hellinger na década de 1970.

– A constelação é uma alternativa diferente: faz a pessoa perceber a causa de um determinado comportamento seu e buscar uma solução. – Não basta a aplicação da lei, que é muito dura – ressalta – É importante analisar a história, o passado, eventos que podem causar o comportamento. É preciso que a pessoa possa se ver no papel que ocupa na história.

A constelação familiar reproduz situações de família para que a pessoa perceba qual o papel que está ocupando e quais os comportamentos que apresenta. Quando é feita em grupo, outros integrantes fazem os papéis de alguns personagens, para que a pessoa possa se enxergar. O processo também pode ser feito individualmente, com o uso de bonecos como personagens.

– Um cliente meu resolveu buscar sozinho um constelador e vivenciar o processo – conta Maria Nilta. – Havia uma disputa muito forte com a ex-mulher pela guarda do filho. Fazer a constelação foi extremamente bom para ele, porque a partir dali conseguiu entender o comportamento da mãe de seu filho e os traumas que ela carregava de experiências que tinha vivido. Com isso, conseguiu estabelecer um diálogo mais ameno, relevar muita coisa – relata.

UMA QUESTÃO DE ESTRUTURA



Maria Nilta diz que os resultados da constelação familiar têm sido muito bons, sobretudo nas varas de família e em casos de violência doméstica. – Essa ferramenta também vem sendo usada com sucesso em disputas de bens materiais – declara. – O único problema é que o estado não tem uma estrutura adequada para utilizar essas ferramentas, mesmo as previstas em lei, como é o caso da mediação. – Falta material e treinamento – aponta. – Nós, brasileiros, temos uma cultura belicosa. É preciso mudar isso. E é importante as pessoas entenderem que o Judiciário, sozinho, não consegue resolver os problemas de todo mundo – ressalta.

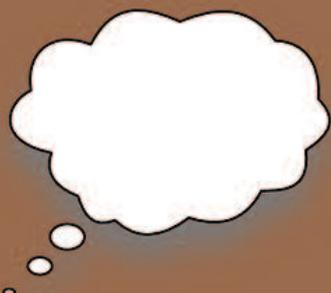
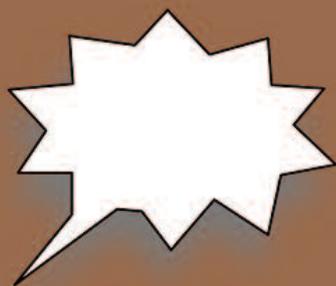
Para a advogada, é na hora de quebrar o paradigma. – O uso da constelação familiar é uma evolução. O custo de uma demanda judicial é altíssimo; com a mediação e ferramentas como a constelação, é possível evitar re-

cursos e mais recursos, chegando a um custo-benefício positivo para todo mundo.

Maria Nilta destaca também um trabalho correlato que vem sendo realizado no estado de Santa Catarina, com homens que praticaram violência doméstica: – São encontros que vêm sendo promovidos com os homens delituosos, para que deixem de agredir não pelo medo de punição apenas, e sim pela conscientização de que o que estão fazendo é errado – adianta.

PRÁTICA COLABORATIVA GERA ACORDOS SUSTENTÁVEIS

– A prática colaborativa fica entre a mediação e o judiciário – explica Suzana Falcão. – Nesse caso, os dois lados têm advogados. O objetivo é conseguir que as partes assinem um *acordo de não litigância* que seja racional, sustentável e que atenda a todos os envolvidos – diz. – Os advogados podem solicitar o apoio de um *coach* para ajudar um pouco a dissolver a parte mais emocional da questão. O objetivo é facilitar as escutas para que as partes consigam ouvir sem reagir, sem estar prontas para a briga.



A cultura litigiosa é longa, onerosa e desgastante emocionalmente – resume Suzana. – O filme *História de um Casamento* é bastante feliz ao mostrar que a estratégia da advogada da mulher muda completamente quando o marido substitui seu advogado por um profissional litigante. A partir daí, preservar a relação do casal deixa de ser importante; as informações são utilizadas – se necessário até de forma distorcida – com o fim de definir quem ganha e quem perde.

A mediação e todo um conjunto de práticas correlatas são boas ferramentas para preservar relações que precisam ser mantidas – por exemplo, dos pais com seus filhos. São alternativas mais sustentáveis que ajudam no exercício da paternidade e da maternidade – destaca.

SERVIÇO:

Consulte o cadastro de mediadores e câmaras no site da CNJ: <https://www.cnj.jus.br/ccmj/pages/publico/consulta.jsf>

Como exemplo, Suzana compara dois processos de separação que apoiou como mediadora. – O primeiro foi o de um casal de jovens na casa dos 20 anos, com filhos – revela. – Nesse caso, o acordo teve muitas especificidades e detalhes, pois eles ainda têm muito tempo pela frente – explica.

O segundo caso envolveu um casal na faixa dos 68,70 anos. – Foi um acordo mais tranquilo, que girou em torno de questões bem objetivas, como seguro-saúde, por exemplo – revela.

– O importante é que as partes sejam atendidas em suas particularidades e em seus interesses imediatos – ressalta. – Acordos desse tipo são mais rápidos, mais eficientes e as pessoas se sentem acolhidas – resume.

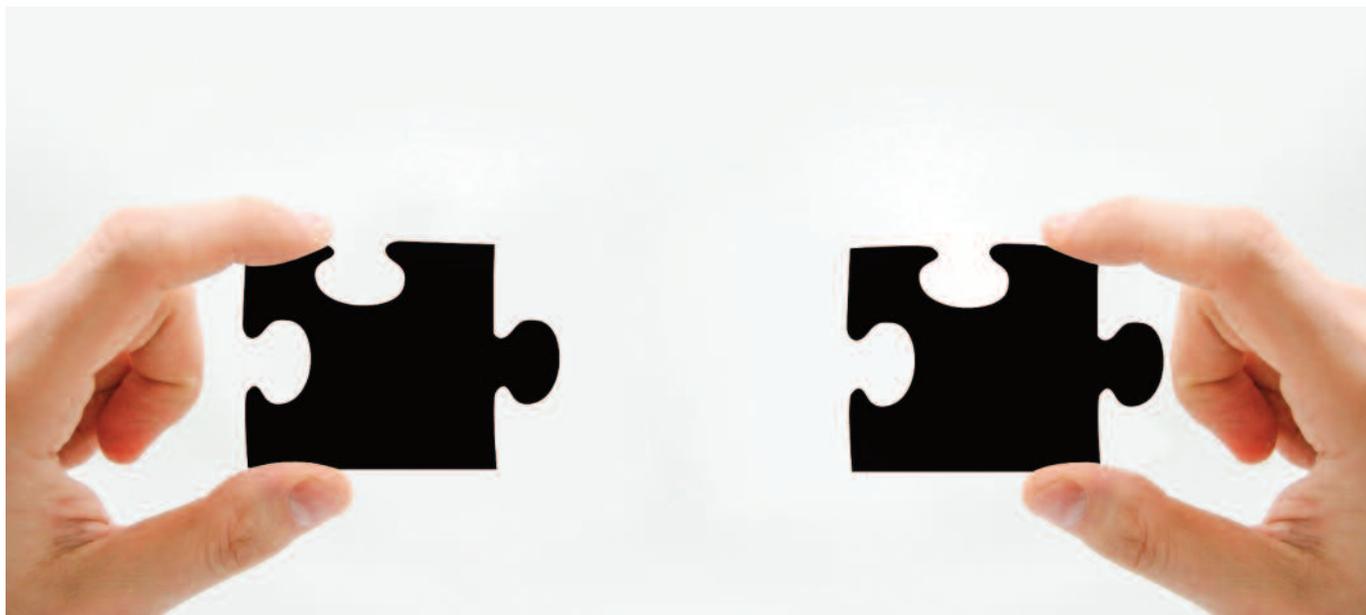




Foto: Maria Hermínia Donato

O Rio de ontem, de hoje e do futuro

Sergio Bernardes

27º Congresso Mundial de Arquitetos UIA 2020 RIO – oportunidade de reflexão e proposição de futuro da cultura arquitetônica, do paisagismo e urbanismo

A exposição “Sergio Bernardes – 100 anos”, realizada em homenagem ao centenário de nascimento do arquiteto e urbanista carioca, é um dos eventos relevantes do calendário oficial do *Rio Capital Mundial da Arquitetura*, título inédito concedido à cidade pela UNESCO e União Internacional de Arquitetos. A designação é mais do que um reconhecimento da arquitetura, história e cultura da cidade: é uma oportunidade de comemorar o Rio de ontem, de hoje, e de refletir sobre o seu futuro.

A mostra, que também faz parte da agenda preparatória do 27º Congresso Mundial de Arquitetos (UIA2020RIO), a ser realizado em julho, exibe a visão clara e independente de Sergio Bernardes, cujas propostas sempre almejaram produzir uma melhoria na qualidade de vida do brasileiro. Arquiteto, urbanista e designer, começou desenhando sua primeira casa para um amigo de seu pai, aos 16 anos.

TRAJETÓRIA

Ao terminar a faculdade, Bernardes abriu um escritório, compartilhando o espaço com Oscar Niemeyer. Nas palavras de Lauro Cavalcanti (arquiteto, antropólogo e escritor), o local era chamado de “Fla-Flu da Arquitetura Carioca sem brigas” porque havia uma grande cumplicidade entre os dois. A arquitetura de Bernardes partia do interior para o exterior, e as casas que realizou nos anos 50 estabeleciam um constante diálogo com a natureza criando uma arquitetura orgânica e racional.

A obra-prima desse período foi a casa em Samambaia, Petrópolis (região serrana do Rio), criada para Lota Macedo Soares (arquiteta-paisagista e urbanista, uma das responsáveis pelo projeto do Parque do Flamengo, localizado na cidade do Rio de Janeiro, o maior aterro urbano do mundo). A casa, uma obra radical por ir contra os dogmas da arquitetura moderna de Corbusier, foi a primeira residência em estrutura metálica no Brasil, premiada na 2ª Bienal de São Paulo, em 1953.

Para Sérgio Bernardes, “a primeira função da arquitetura é a não-presença, o projeto se assimila ao lugar e se junta a ele. Arquitetura não é para ser contemplada e sim vivida, quem predomina é a natureza”.

Seus projetos para residências viam a arquitetura como palco do destino; as mudanças na vida se refletiam nas casas. “Um filho nasce e precisa de um quarto. Quando os filhos se mudam, derruba-se o quarto e se aumenta a sala. A casa é o começo e o fim de tudo, e tem que ser poesia”.



Casa de Lota Macedo Soares

Foto: Bernardes Arquitetura

PROJETOS PARA O RIO

Para o Rio de Janeiro, o arquiteto fez dezenas de estudos e propostas de projetos como o *Pavilhão de São Cristóvão*, *Postos de Salvamento da Orla do RJ*, *For you, Paraty* – em que a cidade ficaria suspensa por cabos sobre a Mata Atlântica –, *Anéis de Equilíbrio*, que definia uma via de distribuição pela cota 100 dos maciços cariocas, as *Habitações sobre a Linha Férrea* e o *Projeto Lagocean*, que propunha a interligação das lagoas – com o mar e entre si – de forma a melhorar sua qualidade de oxigenação e despoluição.

Outro grande trabalho de Bernardes foi o Plano Político Administrativo do Município do Rio de Janeiro (1980). Criado com o objetivo de organizar a construção desordenada da cidade, previa cerca de 500 células urbanas que teriam os serviços públicos municipais sendo prestados de forma

concentrada. As células seriam conectadas como grandes vias, como artérias, e administradas pelo município sempre a partir do indivíduo.

A exposição que mostra a trajetória do arquiteto poderá ser visitada até o dia 12 de abril. Outros vários eventos estão sendo realizados na cidade pelo Comitê Organizador 2020, criado pela prefeitura, que trabalha em conjunto com a equipe do Congresso Mundial de Arquitetos, fomentando uma programação de eventos ligados à arquitetura, urbanismo e patrimônio, com várias formas de representação durante o ano inteiro.

Mais Informações em www.rio.rj.gov/Web/riocma2020



Detalhes da exposição “Sergio Bernardes – 100 Anos”
Foto: Maria Hermínia Donato

SERGIO BERNARDES, POR PAULO JACOBSEN

Em conversa com o arquiteto, a Oxiênio perguntou sobre o legado do Sergio Bernardes

“Sergio Bernardes teve um pensamento importante, inspirador, uma escola que segui junto com seu filho e neto, que foram meus sócios. Tivemos a preocupação de preservar o seu arquivo. Para mim, o principal legado de Sergio resume-se ao fato de que ele foi um arquiteto que pensava nas pessoas” - diz.

“Sergio era orgânico, fazia as coisas se misturarem com a natureza usando linhas retas. Era um arquiteto ortogonal que trabalhava em malhas; em cima de um quadriculado, um módulo. Eu sou seu admirador. Ele trabalhava pensando no ser humano, diferente daqueles que se preocupam especialmente com a forma arquitetônica” – afirma.

“Hoje, o arquiteto e urbanista tem a ação controlada e limitada pelo sistema. Sergio Bernardes era meio Leonardo da Vinci. Desenhava aviões, aeroportos, criava moedas, planejava um grande futuro para a cidade do Rio de Janeiro” – conclui.

Paulo Jacobsen foi sócio de Claudio Bernardes durante 25 anos na *Claudio Bernardes e Jacobsen*. Depois trabalhou com Thiago Bernardes, filho de Claudio, na *Bernardes + Jacobsen*, escritório responsável pelo projeto do Museu de Arte do Rio, que se destaca na Zona Portuária.

Em 2012 fundou a *Jacobsen Arquitetura*, tendo como sócio seu filho Bernardo, com escritórios no Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa. O trabalho desenvolvido pela empresa refinou a aposta em uma relação próxima com a natureza, em favor do conceito de verdadeira sustentabilidade.



De cima para baixo: projeto residencial e MAR – Museu de Arte do Rio, ambos da Bernardes + Jacobsen
Fotos: Bernardes + Jacobsen



Designed by macrovector / Freepik

*Desde a mais antiga memória da Humanidade, as pessoas precisam extravasar.
E tudo isso veio desembocar no Carnaval, com sua urgência e seu figurino sedutor*

Se a fantasia é bonita e suntuosa, realça ainda mais a presença de quem a veste. E no Carnaval, assim como nas palavras do poeta Vinícius de Moraes, beleza é fundamental. Agora, se ela esconde o rosto ou protege a identidade do folião, passa a ser *disfarce* – uma identidade secreta capaz de acobertar qualquer delírio.

Disfarce ou realce, a fantasia é presença radiosa no Carnaval desde sempre. Nesta entrevista exclusiva à Oxiênio, o figurinista e cenógrafo Marcelo Marques nos conta um pouco da história dessa tão querida tradição.

DE ONDE VEM O CARNAVAL

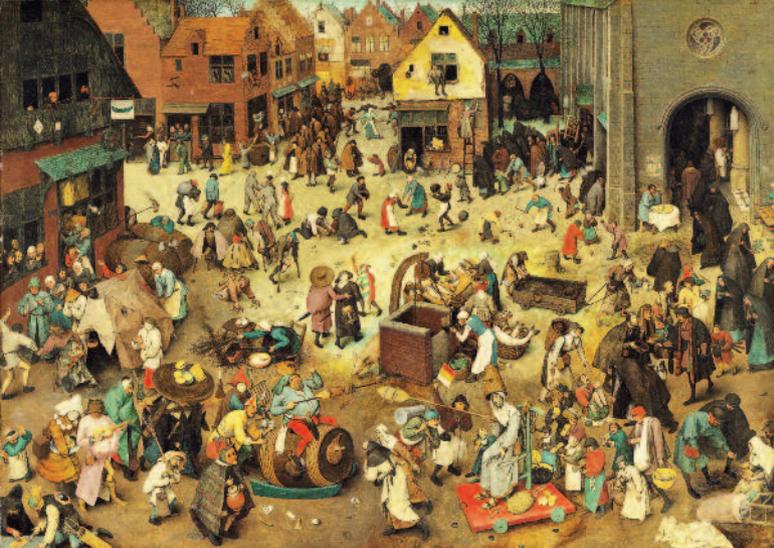
– Há uma frase do Marquês de Sade que diz assim: *“Existem momentos em que o homem, apesar de sua arrogância, não pode escapar da sua condição animal, onde ele se enche e se esvazia.”* – Gosto dela porque ilustra bem o espírito das festas que originaram o Car-

Carnaval, Fantasia e História

naval – festas pagãs, por sinal – remata. – O Carnaval entrou à força para o calendário litúrgico porque todas as tentativas de acabar com ele falharam lamentavelmente – sorri. – Os três dias em que tudo é permitido passaram a ser uma concessão validada e, no devido tempo, convenientemente perdoada com penitências e orações – revela.

Marcelo conta que, no antigo Egito, os chamados Festivais da Alegria, dedicados à deusa Baspét, tinham muito das características do carnaval. Barcos apinhados se espalhavam pelo rio Nilo, em celebrações regadas a bebida, música e, possivelmente, orgias.

– A chegada da Primavera era o tempo de comemorar e extravasar as angústias do tempo frio – diz. – Na Europa, o Inverno é associado à morte, daí a importância de haver uma festa de caráter catártico, para expulsar as trevas do inverno.



A Luta entre o Carnaval e a Quaresma (1559), Pieter Bruegel (1564-1638), Kunsthistorisches Museum, Viena

Foto: Domínio público

O CARNAVAL E A IGREJA

– A data oficial do nascimento de Cristo, em 25 de dezembro, foi definida pelo Papa Gregório Magno. O Carnaval, no calendário litúrgico, é marcado retroativamente a partir do Domingo de Páscoa, que tradicionalmente coincidia com a primeira lua cheia a partir do Equinócio da Primavera. Isso mostra sua relação direta com as antigas festas pagãs – acrescenta.

– Antes, essa data era associada a cultos ao deus Osíris – conta Marcelo. – Osíris era um deus tipicamente agrícola, ligado ao renascimento e à ressurreição. Muitas das tradições dos cultos de Osíris influenciaram a Igreja Católica. Até o local em que o corpo de Osíris ficava, nos antigos templos, é praticamente o mesmo em que a Igreja coloca a imagem do Senhor Morto – ressalta.

EUROPA, FRANÇA E BAHIA

Marcelo explica que foi o imperador Calígula quem popularizou, na Europa, os cultos à deusa Ísis, na época das colheitas. – Era uma Ísis totalmente romanizada – ressalta. – As festas de Ísis, na Europa, celebravam a primavera e a abundância de alimentos. Já as Satur-



Ave, Caesar! Io, Saturnalia!, Lawrence Alma-Tadema, 1880 (detalhe)

Foto: Domínio público

nálias de Roma tinham um caráter mais “pesado”, voltado para a prática de orgias e bebedeiras. Na França a Festa dos Loucos – *Factuorum*, quando o mundo ficava de cabeça para baixo – era uma tradição da Idade Média, com as mesmas características – conta.

Segundo Marcelo, o carnaval brasileiro é herdeiro do francês. – Daquele carnaval de salão, elegante, cheio de requinte – explica. – Essa tradição que veio para cá é muito mais da França do que do Carnaval de Veneza, apesar da presença de figuras como o Arlequim, o Pierrot e a Colombina, que vêm da Commedia Dell’Arte – pontua. – Isso mostra também uma ligação direta do carnaval com a tradição do teatro, por meio dos costumes – destaca.

Marcelo explica que o carnaval brasileiro mistura um pouco da tradição portuguesa e da espanhola também. – No Rio de Janeiro, que é a maior colônia portuguesa fora de Portugal, popularizou-se o entrudo, que é tipicamente português – assim como a figura do Bate-Bola, que aqui conhecemos como Clóvis, que teve origem em Portugal – revela.

QUEM É VOCÊ?

Na opinião de Marcelo Marques, o disfarce é o aspecto mais marcante do uso da fantasia. – Se tudo é permitido no Carnaval, posso fazer o que quiser... desde que ninguém saiba quem eu sou – brinca. – A fantasia vira um ritual de reversão de papéis sociais que começa a ser usado no carnaval, o momento em que a pessoa pode ser tudo, tudo se perdoa. Isso torna possível uma inversão de valores e ninguém sabe quem é quem – revela Marcelo – A máscara é o álibi para isso. A fantasia suspende as normas de comportamento. É uma sociedade “suspenda das normas” durante três dias – conta.

O ANTIGO E O NOVO:

COM QUE ROUPA EU VOU NESTE CARNAVAL?

Marcelo Marques destaca uma mudança muito grande na nossa cultura carnavalesca. – Eu penso que a gente

se fantasia para ficar bonito – brinca. – Mesmo que seja disfarçado. Nas décadas de 1940, 50 e 60, isso prevalecia: eram baianas, marinheiros, chinesinhas, tirolesas, índias, odaliscas, palhaços, colombinas... era uma mistura de brasilidade com as culturas imigrantes – conta. – Mas isso foi mudando com a assimilação da cultura norte-americana. Numa lista das dez fantasias mais procuradas este ano, Mulher Maravilha, Homem Aranha e personagens da Disney, como Pequena Sereia e Frozen, dominam – decepciona-se. – A meu ver, isso tira um pouco da graça e do brilho do Carnaval, onde caracterizar-se era uma arte – lamenta. – Nossa cultura carnavalesca baseada na tradição vem sendo alterada. – Hoje creio que o disfarce anda perdendo terreno para a purpurina – brinca. – E eu acredito que um pouco de mistério na fantasia, além da beleza e do requinte, é fundamental – conclui.



Marcelo Marques
Foto: Divulgação

Na *RUA!*, *PARDO É PAPEL*

Maria Hermínia Donato, correspondente em Londres, de férias no Rio de Janeiro

No Museu de Arte do Rio (MAR), RUA! e PARDO É PAPEL celebram a vida, a autoestima, o empoderamento e a inclusão



Rampa de skate na exposição *Rua!*

Foto: Adriano Facuri

Conheci as pinturas de Maxwell Alexandre durante sua residência artística na Fundação Delfina em Londres, quando fez a sua primeira viagem ao exterior.

A sua trajetória artística é extraordinária, e a exposição *Pardo é Papel*, itinerância do Le MAC – Museu de Arte Contemporânea de Lyon na França (2019), que atualmente está no Museu de Arte do Rio (MAR), é de tirar o fôlego.

Enormes pinturas executadas sobre papel pardo – um papel que ao ser produzido não passa por processo de



Panorâmica da exposição *Pardo é papel*

Foto: Vera Matagueira

branqueamento e oferece excelente resistência – retratam o cotidiano da comunidade da Rocinha, no Rio, onde Maxwell vive e trabalha.

A exposição, que poderá ser visitada até março, foi concebida no ateliê do artista. Pintando autorretratos, ele reverte alguns estigmas e discute o racismo no mercado da arte, com uma abordagem singular que migra para o seu trabalho na representação de figuras louras e negras. Na cultura da favela o descoloramento do cabelo era associado ao tráfico de drogas, mas essa iden-



Fotos: Gabi Carrera



tidade que foi adotada pelo mundo da moda – pelo jogador Neymar, por exemplo – hoje se transformou num código aceito e desassociado de sua origem.

Maxwell cria uma mitologia própria ao usar os símbolos da água democrática da praia, da ascensão social na diferença da piscina de plástico e a construída, água do batismo na religião evangélica. Tudo se transforma em background nas pinturas, inclusive o Danoninho e o Todinho, símbolos da sua infância. Eles eram consumidos pelo artista e seu irmão somente uma vez por mês, e tendo que ser dividido por eles.

As narrativas de suas obras são cruzadas e criam uma visão panorâmica para que se entenda melhor sua re-

alidade. Sua poética urbana é criada de forma estruturada na vivência da cidade e da comunidade, trazendo para o MAR a laje, a sala, a igreja, a escola, o encontro com a polícia. Maxwell numa entrevista diz: *“Escrevo muito para me entender mas na pintura é onde eu me ouço”*.

Suas pinturas são anotações do momento em que Maxwell vive, sua existência. Fica impossível olhar os seus trabalhos apenas pelo lado estético no uso da cor, composição, ritmo e movimento. A circulação da exposição nos força a passear por ruas estreitas como as da Rocinha, pela proximidade de como as obras estão expostas, fazendo com que o espectador participe das histórias narradas nos diversos trabalhos.



Cartazes lambe-lambe do coletivo *Tupinambá Lambido*

Fotos: Vera Matagueira

Segundo Maxwell, *pintar corpos negros em folhas de papel pardo é um ato político. Lembro aqui que a cor parda criada no Brasil colonial era usada para definir cor de pele e encobrir a negritude.*

A formação evangélica do artista o levou a criar a *Igreja do Reino da Arte* propondo arte para todos, arte para salvar o mundo usando ações como oferendas, peregrinações e desafiando outros artistas para que pensem juntos e as mudanças aconteçam.

Outra exposição para ser visitada no MAR é *Rua!*, coletiva que reúne fotografias, vídeos e esculturas de vários artistas, além de obras de cinco grafiteiros – Panmela Castro, Cruz, Rack, Ramo Negro e Coletivo I love MP –, criadas especialmente para a mostra.

O coletivo *Tupinambá Lambido* apresenta cartazes lambe-lambe criados em duas ações, em 2017 e 2018, quando foram espalhados 300 cartazes pela região metropolitana do Rio como um protesto diante da grave crise política vivida no país. Junto com as intervenções do grupo, foi criado um curta metragem que documenta e contextualiza a primeira campanha do coletivo, apresentado em mostras e festivais de cinema, exposições e eventos de arte.

Entre os destaques de *Rua!* está uma instalação sonora feita pelos artistas Guga Ferraz e Daniel Castanheira: uma rampa de skate com nove metros de comprimento, montada no centro da sala e acoplada a um sistema que amplifica os sons produzidos pelos skatistas. Suas *performances* subvertem o espaço “cubo branco”

De cima para baixo:
núcleo *Manifestações*;
grafite de Panmela Castro;
Evandro Teixeira – Meninos
em carrinho de madeira no Morro da
Mangueira, 1975
Fotos: Vera Matagqueira

(neste caso negro) da galeria e transportam o visitante para a rua e lugares onde se pratica o esporte. Durante a exposição vão acontecendo, na pista, manifestações espontâneas organizadas pelos artistas.

Nas palavras de Marcelo Campos, *“a rua vibra com a pulsação da cidade, dos passantes, que a enxergam de diferentes modos por meio dos reclames, das vozes, do trânsito e, principalmente, da invenção de linguagens. A partir destas atitudes e gestos, o acervo do museu dialoga e divide a exposição em quatro núcleos: deambulações, ruínas, violência e manifestações. Assim, o projeto resulta na soma de gestos curatoriais que se fundem em incorporações artísticas, abrindo a sala expositiva à rua, com seus usos e contrausos, em batalhas de rima, vogues, street dances e slams, entre outros”*.

Mais informações em
<http://museudeartedorio.org.br/>



ILHA DE MARAJÓ: onde o tempo não tem pressa

Antonella Kann



Guarás em árvore dentro do Igarapé

Foto: Antonella Kann

Marajó, povoada por indígenas desde 1100 A.C., é a maior ilha fluviomarina do mundo e conserva até hoje uma aura de genuinidade. Extremamente hospitaleiros e amáveis, os habitantes se orgulham de suas origens, que remontam a civilizações pré-colombianas, e ainda se sentem bastante arraigados às tradições

Quando Garcia Marquez idealizou o cenário da aldeia de Macondo para sediar o romance *100 Anos de Solidão*, ele certamente não tinha em mente a exótica Ilha de Marajó, localizada a oeste da foz do rio Amazonas, às margens do rio Pará e beirando o Atlântico. Mas bem que poderia: apesar de Soure, capital informal desta ilha paraense, ter muito além de vinte casas e 300 habi-

tantes, ali os estranhos convivem como velhos amigos, fazendo com que os turistas se sintam imediatamente acolhidos neste pacato vilarejo margeado pelas águas salobras do rio Paracauari.

Embora situada a 3 horas de Belém, a Ilha de Marajó não é um destino de acesso fácil. Na realidade, exige

paciência, pois se trata de uma verdadeira maratona, mas que vale a pena. Do sudeste, conte 12 horas de viagem de porta à pousada, tempo que seria o suficiente para transpor 10 mil quilômetros, um oceano e aterrisar na Europa ou nos Estados Unidos! Mas a viagem não acaba no Porto de Camará, em Salvaterra, entrada obrigatória para todos que aportam na Ilha de Marajó: ainda tem que encarar mais 31 quilômetros de estrada,

tal que fica na Quarta Rua com a Travessa 12... Não tem nem como se perder de tão bem traçado. Em tempo: de similaridades com a *Big Apple* só mesmo estes detalhes urbanísticos, porque não encravaram um só arranha-céu em toda esta ilha – e estamos falando de uma região que mede pouco mais de 40 mil quilômetros quadrados – equivalente ao tamanho da Suíça, por exemplo.



Da esquerda para a direita: nomenclatura das ruas em Soure; Porto de Soure; carroça puxada à búfalo

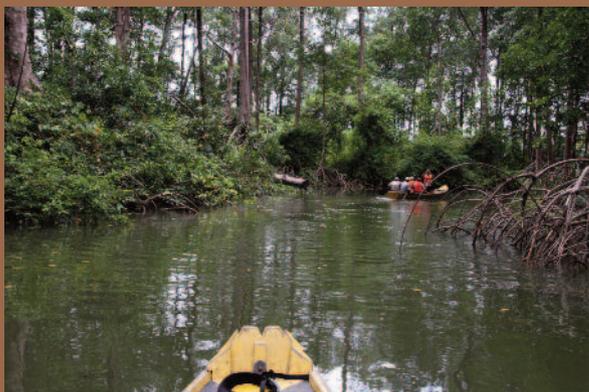
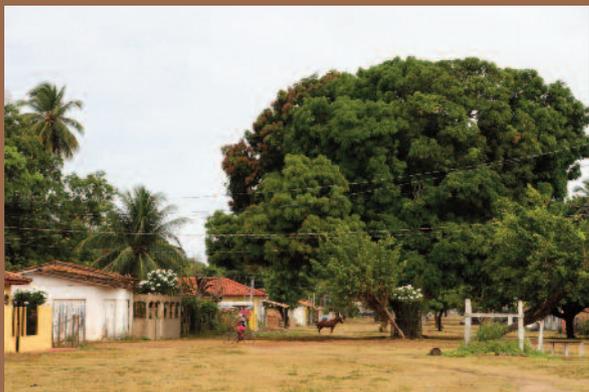
Fotos: Antonella Kann

ou seja uma horinha e tanta de ônibus, que leva os passageiros direto até Soure. Direto, em termos, porque ainda vamos ter direito a uma outra balsa para fazer a travessia de 15 minutos e alcançar a outra margem do rio Paracauari. Marajó está longe do mundo real e faz com que a gente vivencie uma realidade bastante inusitada para o brasileiro que mora em cidade grande.

Qual será a primeira impressão que o turista pode ter de uma ilha onde há apenas uma estrada asfaltada, todas as ruas são largas e de terra batida, mas que foi concebida e planejada como Manhattan? É que ao invés de ruas com nome temos Travessas e Ruas, ambas com números. Sendo assim, se vai para o lugar

Mas além de só ter casas, a grande maioria modestas e simples, de um só andar, em Marajó também quase não tem automóveis. E nem parece que faz falta, pois o que se vê como meio de locomoção são bicicletas e motocicletas de baixa potência. Porém, outro meio de transporte é a carroça puxada a búfalo, animal que se adaptou perfeitamente ao meio ambiente e às condições climáticas que, é bom ressaltar, acarretam mudanças drásticas na topografia da região.

Durante o "inverno" Marajoense, por exemplo, que é o período que vai de janeiro a maio, chove a ponto de deixar grande parte da ilha submersa. Este bovino, graças a sua genética, consegue encontrar o seu ali-



De cima para baixo: cerâmica marajoara, rua típica de Soure, peixe Filhote, passeio de canoa pelo igarapé

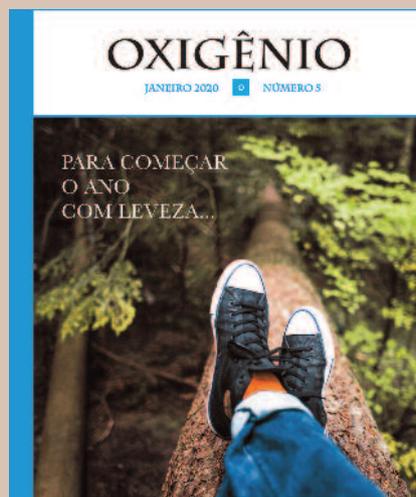
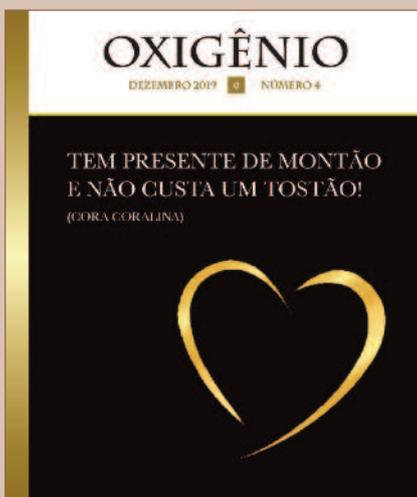
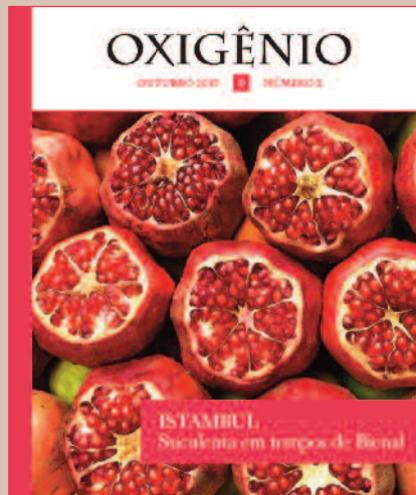
Fotos: Antonella Kann

mento mesmo nas pastagens recobertas pelas águas. E, além de ter se tornado o ícone de Marajó, contabilizando o maior rebanho do Brasil com 700 mil cabeças, ele também se converteu num recurso econômico para grande parte da população de 25 mil marajoenses, pois ele serve para carregar lixo, mercadorias, pessoas, bens de consumo e ainda virou atração turística... Fora que a búfala produz leite para a confecção de queijo. Aliás, este produto lembra um pouco o *feta* grego, tanto na textura como no paladar.

Como toda cidade de interior com um número reduzido de habitantes, a rotina transcorre sem pressa. Muita gente se dedica à pesca, outros ao comércio – este, popular e concentrado em volta da praça principal do centro, oferece vestuário, artigos de eletrodomésticos, sapatos, alimentação e produtos artesanais.

Soure é a cidade mais movimentada da ilha, e é onde a maioria dos turistas aportam. Há sempre muitas festividades e eventos ao longo do ano, como rodeios de búfalo – isso mesmo, a peãozada faz estripulias em cima do bicho, que fica dando pulos até derrubar seu cavaleiro! – e rodas de Carimbó, a dança típica paraense. Mas, nada mais importante do que o do Círio de Nazaré, que prossegue sua peregrinação desde Belém, e entre outubro e novembro, mobiliza toda a população de Marajó. Na ilha, até o tempo passa devagar, pois nem ele tem pressa.

O Mercado Municipal, um dos pontos mais visitados, abre em torno das quatro da madrugada. Ele se divide entre o armazém de carne e o da peixaria. Super bem arrumadinho por dentro, exhibe uma bancada de fazer



OXIGÊNIO revista

Seis meses de boas notícias. Faça parte desse projeto!

ANUNCIE.